

Cooperação RPM-Portugal mais ampla e profunda

N. 1/9/84

— defendem Samora Machel e Mário Soares

O Presidente Samora Machel manifestou ontem a sua convicção de que a cooperação entre Moçambique e Portugal «irá alargar-se a novos sectores e aprofundar-se com vantagens e benefícios mútuos». Esta posição foi expressa pelo dirigente moçambicano ao discursar, na noite de ontem, no Banquete de Estado oferecido ao Primeiro-Ministro português, Mário Soares.

O dirigente moçambicano frisou que na base das relações privilegiadas que devem prevalecer entre os nossos dois países, consideramos ser fundamental a definição de um quadro estratégico para a nossa cooperação.

Ele referiu-se à visita de Mário Soares, bem como de um elevado número de empresários portugueses igualmente representados na FACIM, como um testemunho da vontade mútua de caminharmos juntos na batalha pelo desenvolvimento dos nossos países.

Saudou a iniciativa, o sacrifício, o espírito laborioso e empreendedor que caracteriza o trabalhador português na RPM e a valiosa contribuição que os cidadãos portugueses trabalhando em Moçambique têm dado à batalha contra o subdesenvolvimento.

Na análise da situação internacional o dirigente moçambicano prestou especial atenção à situação que se vive na África Austral, qualificando as recentes iniciativas de Angola e de Moçambique como atitudes tendentes a impor a paz aos arautos da guerra e da confrontação. Saudou de seguida a atitude positiva do Governo português em apoio a estas iniciativas.

Numa alusão ao «apartheid» disse que apesar destas atitudes construtivas em busca de soluções negociadas para alcançar a paz, persistem ainda as causas da violência, sem a eliminação das quais não haverá paz segura e duradoura. Adiantou que o «apartheid» pretende surgir hoje com novas vestes, através das apregoadas reformas e reiterou o apoio político, diplomático e moral da RPM ao ANC.

Sobre a Namíbia, apelou para que a África do Sul abandone o princípio de condicionar a independência da Namíbia à retirada das tropas cubanas de Angola e aceitar iniciar o processo da independência na base da Resolução 435 do Conselho de Segurança.

Samora Machel deu, também, particular atenção ao problema de Timor-Leste, território ainda sob jurisdição portuguesa e agora sob ocupação do regime da Indonésia. A questão de Timor-Leste, sendo um problema colonial, exige dos estados envolvidos no conflito, uma acção coerente e eficaz para que, finalmente, o Povo maubere possa usufruir da liberdade e independência a que aspira e por que luta.

Reafirmou ainda as posições de Moçambique em relação ao Sahara e ao Chade, apelando para que se encontrem soluções pacíficas na base das resoluções da OUA.

O Primeiro-Ministro português reafirmou, por seu turno o propósito do seu Governo em reforçar a cooperação com Moçambique, sublinhando que esta política não depende de condições conjunturais.

— Dentro dos condicionamentos financeiros que Portugal atravessa pretelemente iremos ao encontro do que

foi solicitado — na cooperação com Moçambique.

Mário Soares assinalou no seu discurso o facto de as relações luso-moçambicanas serem norteadas pelos princípios da igualdade, da não ingerência e da reciprocidade de vantagens. Ele qualificou de exemplares os laços estabelecidos pelos dois Estados.

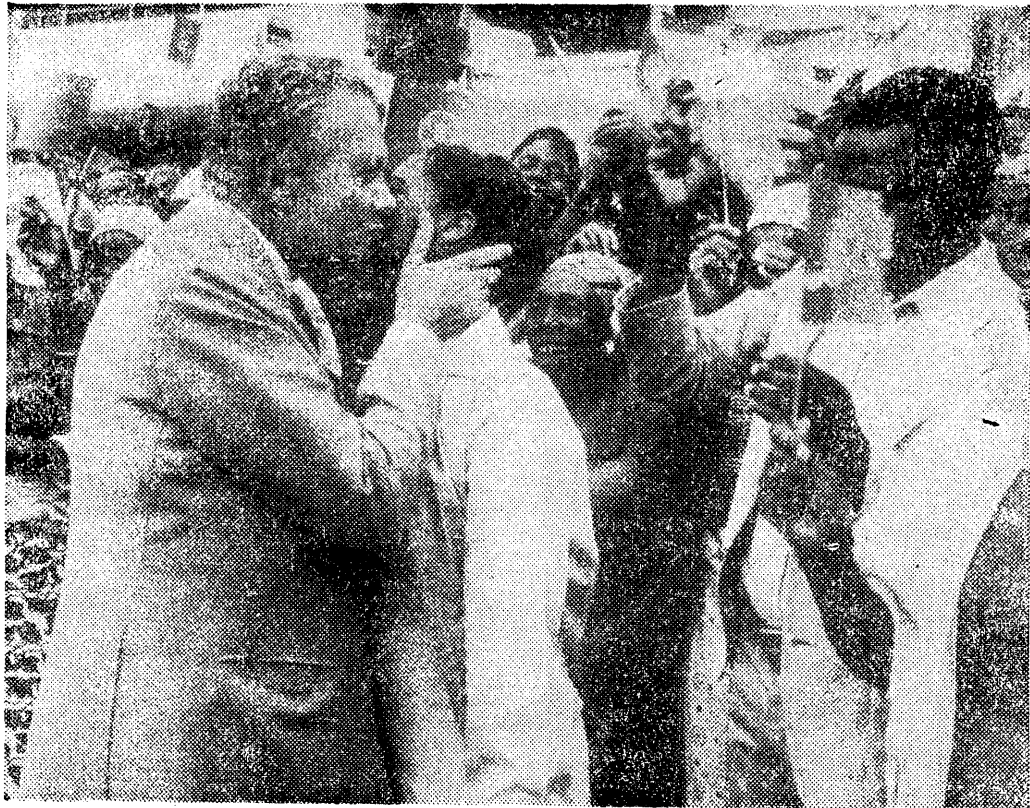
O dirigente do Governo português, revelou que o seu país está disposto a receber todos aqueles cidadãos de Moçambique que queiram ir a Portugal aperfeiçoar os seus conhecimen-

tos, frequentando escolas portuguesas em todos os graus e em todos os ramos.

Mário Soares defendeu os princípios do diálogo Norte-Sul, tendo sublinhado a sua adesão aos resultados da recente Conferência de Lisboa, patrocinada pelo Conselho da Europa.

O dirigente português destacou no seu discurso a actual situação na África Austral, tendo saudado o papel assumido pelo Presidente Samora Machel nas negociações que levaram ao Acordo de Nkomati.

Ele manifestou esperança em que o Governo da África do Sul prossiga na via da concertação com os Estados seus vizinhos e que liquide o sistema do «apartheid» que sempre nos mereceu clara condenação.



Carinho e entusiasmo, caracterizaram a chegada a Maputo do Primeiro-Ministro português Mário Soares